

## DE GALOS, HOMENS E... FUTEBOL

Jocimar Daolio (\*)

*“Uma imagem, uma ficção, um modelo, uma metáfora, a briga de galos é um meio de expressão; sua função não é nem aliviar as paixões sociais nem exacerbá-las (embora, em sua forma de brincar-com-fogo, ela faça um pouco de cada coisa) mas exibí-las em meio às penas, ao sangue, às multidões e ao dinheiro” (p. 311).*

A frase acima é do antropólogo americano Clifford Geertz, num bonito texto onde ele discorre sobre a briga de galos em Bali<sup>1</sup>. Defende ele que a cultura de um povo é um conjunto de textos que o antropólogo procura ler por sobre os ombros dos indivíduos membros de uma determinada sociedade. Assim, a briga de galos em Bali, mais do que um jogo, um divertimento ou um passatempo, é uma atividade que expressa a própria cultura local, a organização social estratificada, a preocupação dos indivíduos com a manutenção do status social. Enfim, como diz Geertz, “(...) Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali - na verdade, são os homens que se defrontam” (p. 283).

Antes que o leitor desista desta empreitada, propomos que ele volte à frase de Geertz que encabeça este texto e sugerimos que ele substitua o termo “briga de galos” por “futebol” e retorne de Bali para o Brasil. O paralelo que o leitor deve estar fazendo agora entre a briga de galos balinesa e o futebol brasileiro é o que pretendemos fazer aqui, dentro, é óbvio, dos limites que um ensaio como este impõe<sup>2</sup>.

O que justifica a impressionante coincidência entre a briga de galos de Bali e o futebol do Brasil é que tanto Geertz, lá, como nós, aqui, estamos olhando para fenômenos sociais e considerando-os como um dado da cultura balinesa, no primeiro caso, e brasileira, no segundo. É por isso

que Geertz afirma que a briga de galos só é “verdadeiramente real” para os galos, já que ela não mata ninguém, não castra ninguém, não altera as relações hierárquicas entre as pessoas. O que ela faz é assumir temas significativos da cultura balinesa - como a morte, a masculinidade, a raiva, o orgulho, a perda etc. - e ordená-los de uma forma que permita aos cidadãos vivenciá-los de maneira concreta. Essa vivência, embora concreta, não é consciente por parte dos atores sociais, porque ocorre dinamicamente na confluência entre sua ação e sua representação social.

Da mesma forma que Geertz, pretendemos olhar para o futebol brasileiro não só como um esporte organizado em clubes, federações, torcidas e campeonatos; nem só como uma prática de lazer que leva pessoas (principalmente do sexo masculino) de todas as idades às ruas, clubes e parques. O futebol, mais e além de tudo isso, é um fenômeno social que retrata e expressa a própria sociedade brasileira. Isso talvez explique porque as mudanças no futebol brasileiro - tanto as que se referem à prática do esporte em si quanto aquelas referentes à manifestação das torcidas - são tão difíceis de serem obtidas. Porque na verdade o futebol, como um dado da cultura brasileira, esta espelhando a própria sociedade, com todas as suas características e contradições. As mudanças - do futebol e da sociedade - podem ocorrer, mas num espaço de tempo maior do que talvez desejássemos.

O antropólogo Roberto DaMatta, a fim de compreender o papel do futebol na sociedade brasileira, refuta a visão utilitarista que ainda considera o futebol como o ópio do povo. Para ele, essa visão separa o futebol da sociedade, entendendo-o como prejudicial às questões sociais tidas como mais sérias, como o trabalho ou a guerra. Segundo ele, o futebol é um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira, constituindo-se num modo

(\*) Professor Docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

específico de expressão desta sociedade<sup>3</sup>. Em outros termos, podemos afirmar, como o fez Geertz em relação à briga de galos, que o Brasil se revela num campo de futebol e que, na verdade, não são apenas 22 jogadores que se defrontam, mas toda uma sociedade.

Geertz afirma que o que define a briga de galos balinesa como uma entidade sociológica é que ela pode ser vista tanto como fato da natureza, quando se manifesta através de um furor incontido não só dos galos, mas dos espectadores, quanto como fato da cultura, quando organizada e aperfeiçoada através de regras coletivas. Enquanto fato da natureza, a briga de galos permite a vivência por parte dos apostadores e espectadores de sentimentos de ódio, raiva, desejo de matar, prazer, impotência ante um oponente mais forte. Geertz insiste que os espectadores não se comportam passivamente, mas agem como se fossem os próprios galos lutando, inclusive imitando corporalmente seus gestos. Enquanto fato da cultura, a briga de galos é constituída por um conjunto de regras, aceitas por todos, tanto para a luta em si, como para as apostas que dela decorrem. Assim, se um galo parece mais forte do que outro, seus esporões serão colocados num ângulo menos vantajoso, a fim de que a briga se torne equilibrada. As apostas também são regulamentadas no sentido de respeitarem os grupos de parentesco e o status dos habitantes.

Ora, o futebol brasileiro também atende às regras desta "duplicidade cruzada" que Geertz constatou na briga de galos balinesa. Ao mesmo tempo em que estimula comportamentos irracionais como a violência, o ódio, o prazer, tanto dos jogadores como dos torcedores, o futebol, enquanto conjunto de regras, tanto para quem pratica como para quem assiste, não sugere exacerbação no comportamento das pessoas envolvidas. Pelo contrário, as regras são extremamente éticas, como, por exemplo, aquela que dá vantagem ao jogador que sofreu falta mas que tem condições de prosseguir na jogada. Marcar essa falta, como em outros esportes, seria favorecer o infrator. Da mesma forma, pode-se dizer que a torcida não vai aos estádios exclusivamente para sentir ódio, para manifestar comportamentos agressivos. A finalidade não é essa, embora, ultimamente, tenhamos presenciado atitudes agressivas que extrapolam o nível ético desejado e proposto inclusive pelos próprios torcedores.

É nesse sentido que podemos utilizar para o futebol brasileiro um outro termo cunhado por Geertz na sua análise da briga de galos balinesa. Ouvindo os habitantes locais, Geertz conclui que "(...) as brigas de galos são como brincar com fogo, porém sem o risco de se queimar" (p.308). Há um incitamento das rivalidades e hostilidades das aldeias

e dos grupos de parentesco, mas sob uma forma de brincadeira, já que se trata apenas de uma briga de galos. Essa prática seria uma das formas, entre outras, que a sociedade balinesa encontrou ao longo de sua história para "permitir" que seus membros vivenciassem socialmente determinadas emoções, conflitos, desejos e contradições.

O futebol brasileiro, visto como uma prática social, também se constitui num meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos. O torcedor sente ódio de um árbitro quando o considera responsável pela derrota do seu time. O torcedor sente raiva de um técnico que escala o time diferente do que ele o faria. Uma vitória do seu time contra um rival tradicional pode ser vivenciada como uma vingança. O fato de torcer por um time mesmo quando este não ganha títulos durante muitos anos pode ser vivido como um teste de fidelidade. Suportar as gozações de torcedores contrários após uma derrota põe à prova a paixão pelo time, mesmo nos momentos difíceis. Vencer um jogo contra um time tecnicamente mais forte reaviva a crença em um ser superior que realiza milagres. Perder de goleada é uma experiência de humilhação. Ver um gol do nosso time é uma sensação de prazer. Os gritos em coro dos torcedores provocam e hostilizam a torcida contrária. Enfim, todas essas vivências são continuamente exercitadas através do futebol. É nesse sentido que podemos falar, como Geertz, que o futebol para o brasileiro é como "brincar com fogo". É verdade que nessa brincadeira temos visto ultimamente algumas "queimaduras", que, apesar de graves, não negam nossa afirmação de que o futebol serve como um meio de expressão do homem brasileiro.

Em outro trabalho<sup>4</sup> desenvolvemos a hipótese de que não é o futebol que gera a violência das torcidas, afirmando que ela se expressa também através dele. O torcedor que, às vezes, se exalta e age agressivamente é a mesma pessoa que se depara cotidianamente com problemas como inflação alta, desemprego, transporte inadequado, habitação precária, assistência médica insuficiente e com escândalos que atingem até o próprio Presidente da República. Nossa hipótese é que, vitimado por estes problemas, o homem brasileiro não tem tido condições - nem materiais, nem intelectuais, nem afetivas - de vivenciar e controlar suas emoções adequadamente. Canalizando boa parte desse potencial para o futebol, ele acaba não tendo como controlar suas emoções e se excede. O que era para ser uma vivência de ódio, raiva, hostilidade, prazer, sofrimento, vingança, acaba, algumas vezes, se concretizando em atitudes agressivas. O que era para ser uma "brincadeira com fogo sem o risco de se queimar", vira um "incêndio".

Entretanto, acreditamos que a discussão sobre a violência que ocorre nos estádios de futebol não deva encobrir a discussão sobre o futebol como parte da sociedade brasileira. Até porque a violência tem ocorrido com lacrimável freqüência em outros locais e momentos além dos jogos de futebol. Ora, se o futebol, como vimos, expressa a sociedade brasileira, a questão que deve ser formulada é: o que vem acontecendo nesta sociedade que tem gerado tantas manifestações de violência nos estádios de futebol?

Preferimos, como Geertz o fez em relação à briga de galos balinesa, afirmar que o futebol é mais do que um passatempo. É uma forma de fornecer um "comentário meta-social" sobre os homens e a sociedade brasileira que eles contam e recontam a si mesmos através do futebol. Por se tratar de um mecanismo de utilização da emoção para fins cognitivos, o futebol no Brasil seria como uma espécie de "educação sentimental". Assim, podemos dizer que o futebol é uma forma de experimentação, vivência e reflexão sobre determinados sentimentos e emoções necessários ao homem brasileiro.

O futebol está inserido no cotidiano das nossas vidas, não sendo possível deixar de vê-lo, ouvi-lo, ou, pelo menos, saber sobre ele. É claro que os homens têm mais acesso ao futebol do que as mulheres. O menino quando nasce recebe, além do nome, um time de futebol, para o qual ele torcerá a vida toda. Os meninos, desde pequenos, brincam de chutar bola e acabam por se tornar mais hábeis no futebol do que as meninas. Os homens freqüentam estádios em número muito maior do que as mulheres. Todas essas características revelam o traço de masculinidade presente na própria sociedade brasileira, fato que pode ser comprovado também através do conteúdo dos gritos de guerra, hostilidades e xingamentos que os torcedores exprimem contra o time e a torcida adversária e contra o árbitro do jogo.

Se considerarmos a penetração do futebol no cotidiano do homem brasileiro e se aceitarmos que esta prática exercita emoções necessárias à sua própria vida em sociedade, poderemos entender melhor o termo "educação sentimental" que emprestamos de Geertz. E aqui

lembramos da partida final da Copa do Mundo de 1950, realizada em pleno Maracanã. O Brasil, podendo empatar com o Uruguai e tendo marcado o primeiro gol, acabou perdendo por 2 a 1. O que se viu no estádio após o jogo foi uma comoção tão grande que impediu os torcedores de deixarem o local. Esta tristeza, segundo contam os que viveram na época, tomou todo o país numa onda de desolação e frustração. Estes sentimentos, afora terem se abatido sobre todos e cada um dos brasileiros - de formas e com intensidades obviamente diferentes - deixaram lições que são repetidas ainda hoje, mais de 40 anos depois, tanto para o futebol como para outras experiências que o homem brasileiro vive.

Talvez seja esta necessidade do ser humano de viver e reviver continuamente emoções, expressando-se através delas e aprendendo com elas, que explique por que o futebol brasileiro é um drama social que precisa ser encenado e reencenado sempre. Como uma música conhecida que não nos cansamos de ouvir, por nos fazer sentir determinadas emoções, o futebol, exercitado coletivamente, remete-nos para o campo da subjetividade dos nossos sentimentos. Isso talvez explique a "febre" dos torcedores, que, semana após semana e durante toda a vida, acompanham os jogos do seu time. O mesmo jogo sempre, e sempre um jogo diferente!

#### NOTAS:

1. Clifford Geertz, *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
2. Arno Vogel, no capítulo *O Momento Feliz: Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional*, incluído no livro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, organizado por Roberto DaMatta, faz alusão à obra de Geertz. Entretanto, o autor não detalha a relação entre o futebol brasileiro e a briga de galos balinesa.
3. Roberto DaMatta et alii, *Universo do Futebol Brasileiro: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.
4. Jocimar Daolio, *A violência no Futebol Brasileiro*. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Vol. 6, n. 1, 1992.